

FORTUNATA PISELLI
Universidade de Trento

Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes

103

O artigo avalia a contribuição analítica do conceito de rede para o estudo dos movimentos migratórios e em particular das trajectórias das mulheres. Na primeira parte, analisam-se as abordagens mais importantes do fenómeno migratório (as correntes quantitativas e de estudos de caso) sublinhando-se os seus objectivos, características e limitações. De seguida, discutem-se os contributos mais interessantes da teoria das redes, de forma a avaliar a contribuição específica desta abordagem. Pretende demonstrar-se que o conceito de rede é parti-

cularmente adequado para a análise das migrações do ponto de vista da diferença sexual: para reconstruir as trajectórias das mulheres, as dinâmicas das suas escolhas do ponto de partida ao ponto de chegada; para identificar o papel das mulheres nas estratégias de reprodução económica, cultural e social dos grupos étnicos. Estudando a morfologia e o conteúdo das interações, a teoria das redes permite identificar o peso das mulheres nas redes (a sua centralidade ou marginalidade em termos locais ou globais).

É objectivo deste artigo proceder a uma avaliação do contributo analítico do conceito de rede no estudo dos movimentos migratórios, com particular relevo para a migração feminina. Apesar do uso crescente da metáfora da rede na linguagem e na imagética colectivas, só recentemente ela se tornou parte integrante das Ciências Sociais, e só muito raramente tem sido aplicada ao estudo dos movimentos migratórios. É certo que o conceito e a imagem da «rede social» têm presidido a numerosos estudos sobre a emigração, mas o seu uso tem-se cingido quase exclusivamente a uma dimensão metafórica. Ou seja, não se tem dado um conteúdo específico às características morfológicas e interacionais das redes sociais, nem se tem feito qualquer tentativa no sentido de as relacionar com o comportamento dos indivíduos que estão no seu centro. Por outras palavras, não tem havido uma utilização exacta e limitada dos métodos estatísticos e matemáticos.

Mas o que pretendem os analistas das redes significar com a sua constante insistência no concreto e na necessi-

dade de uma fundamentação em instrumentos matemáticos rigorosos? Qual a utilidade teórica do conceito de rede? Ou, perguntando de outro modo, que novas hipóteses poderemos nós formular e testar se optarmos por aplicar tal conceito? E mais especificamente, qual o ganho analítico do conceito de rede na análise da diferença sexual? O grau de êxito de um dado conceito analítico depende, como é óbvio, da medida em que consegue ou não canalizar a atenção para a análise e a explicação de processos e de comportamentos até então investigados sem êxito com recurso a outros conceitos disponíveis. Assim, para responder às questões acima colocadas, irei proceder do modo que se segue. Na primeira parte deste artigo passo brevemente em revista as tradições mais importantes da investigação relativa aos movimentos migratórios, apontando-lhe os respectivos objectivos, características e lacunas. De seguida deter-me-ei sobre alguns dos resultados mais importantes obtidos pela aplicação do conceito de rede, com vista a identificar o contributo específico desta abordagem quando comparada com as abordagens tradicionais e a ensaiar uma avaliação das suas possibilidades futuras.

As abordagens tradicionais

Os movimentos migratórios têm constituído uma área de investigação central em numerosas disciplinas, desde a história aos estudos demográficos, passando pela sociologia, economia, antropologia, etc. Dentro de cada uma destas áreas disciplinares o tema tem, como é evidente, sido investigado de maneiras que diferem consoante os quadros de referência teórico-conceptuais, as perspectivas, os objectos de análise, os métodos e as técnicas utilizados. Dito isto, digamos que com respeito aos movimentos migratórios é possível identificar duas abordagens principais.

(a) Análise quantitativa

Na sua generalidade, estas análises da emigração — de tipo histórico, estatístico-demográfico, económico e sociológico — reconstroem o fenómeno do ponto de vista quantitativo e procuram extrair sínteses e comparações. Analisam a evolução e as tendências da emigração, a dimensão dos fluxos migratórios, as características sócio-demográficas dos emigrantes, os respectivos destinos, os aspectos de novidade e de continuidade relativamente a períodos históricos anteriores, e as consequências demográficas (como o envelhecimento, a feminização) registadas na zona de partida.

Estudam a evolução histórica da área migratória, a estrutura ocupacional das populações nas áreas de emigração e imigração, a distribuição das perdas e ganhos, ou seja, os movimentos de entrada e saída nas diversas áreas, os movimentos de curta e longa distância, a distribuição regional, a força atractiva das grandes cidades, etc.

Dentro desta linha de investigação, alguns inquéritos sócio-psicológicos de grande escala têm vindo a tratar os problemas da inserção e integração dos emigrantes nos seus novos contextos sócio-políticos. Dada a escala da investigação em causa, os autores dos estudos utilizam procedimentos de amostragem rigorosos e recorrem a técnicas quantitativas baseadas em questionários. Entrevistam um universo (geralmente amplo) de pessoas e aplicam métodos de análise quantitativa que vêm sendo cada vez mais aperfeiçoados ao longo dos anos. O objectivo é estabelecer correlações entre, por um lado, certos níveis de adaptação/integração, e por outro lado, várias categorias de entrevistados, classificados segundo combinações de características comuns (quer características de base genética, como a idade, o sexo, ou a etnia, quer características de cariz social, como o estatuto sócio-económico, o nível de instrução, ou as convicções políticas).

Também os economistas se têm interessado pelos aspectos quantitativos da migração, prestando uma atenção particular à relação entre emigração e desenvolvimento económico. Por outras palavras, estudam a emigração na sua relação com os processos de industrialização, urbanização e despovoamento das zonas rurais e montanhosas (que estão na origem dos efeitos chamados de «atração»/«repulsão»); analisam o peso que as remessas dos emigrantes têm para a balança de pagamentos do seu país de origem, salientando a contribuição destes para os rendimentos das famílias nas zonas de êxodo; estudam as consequências da emigração nos padrões de cultura e consumo, assim como os seus efeitos no mercado de trabalho e na estrutura de classes tanto da região de origem como da região de chegada, com vista a identificar as implicações que a emigração tem sobre a dinâmica e o sentido do desenvolvimento económico¹.

Por norma, estes estudos debruçam-se sobre os movimentos migratórios como um todo, sem fazer distinção entre

¹ Existe uma vasta bibliografia sobre esta matéria. Para uma visão actualizada do contexto italiano, ver Reyneri, 1996.

as componentes masculina e feminina dos fluxos de migração. Quando se detêm sobre as variáveis relativas à diferença sexual, analisam as características e tendências da migração feminina de modo a fazer sobressair as diferenças estatístico-demográficas resultantes da comparação com as migrações masculinas de um ponto de vista geral, e isso com a intenção última de determinar se a migração feminina tem uma dimensão maior ou menor do que a migração masculina; se se desenvolveu antes ou depois dela; e se as mulheres emigram por motivos de reunificação familiar ou independentemente deste factor. Alguns estudos sobre imigrantes exteriores à Comunidade Europeia salientam a fragilidade destes no mercado de trabalho e o facto de serem relegados para empregos não qualificados, em condições muito inferiores às previstas nos contratos de trabalho. No entanto, pouca ou nenhuma referência tem sido feita à presença e às condições laborais das mulheres trabalhadoras exteriores à C.E., as quais se vêm frequentemente forçadas a trabalhar em condições ainda mais precárias do que sucede com os homens.

Tais lacunas dependem, em parte, dos paradigmas interpretativos que orientam estes estudos. Com efeito, os movimentos migratórios explicam-se em termos de modelos interpretativos genéricos que dão ênfase a factores externos sem levarem em devida consideração o contexto referencial, as práticas sociais e o papel dos respectivos protagonistas. É assim que os movimentos migratórios são recorrentemente explicados como sendo consequência, ora da divisão internacional do trabalho, ora de alterações na estrutura da procura nacional ou internacional, ora de um desenvolvimento desigual, ora de desequilíbrios no mercado do trabalho, etc. Nesta perspectiva, considera-se que os destinos dos migrantes dependem de condições externas tais como, entre outras, a densidade populacional, as oportunidades de emprego e os estímulos económicos. O comportamento social dos migrantes é encarado como resultado de atributos colectivamente partilhados. Nenhum destes modelos interpretativos é capaz de explicar certas persistências nem a própria diversidade existentes ao nível local, tal como não explica a ocorrência de diferentes respostas a um mesmo estímulo exterior, nem a variabilidade das práticas sociais, nem os desvios aos modelos propostos.

As análises quantitativas, apoiadas em fontes estatísticas secundárias ou na observação directa, têm o mesmo objectivo: chegar a uma descrição objectiva e rigorosa do fenómeno.

meno no seu conjunto, no pressuposto de que só pode ser considerado como científico aquilo que é mensurável, aquilo que se pode medir em níveis percentuais e que se encontra em estados e condições de algum modo «fotografáveis».

É claro que o conhecimento de tipo quantitativo sobre as migrações é importante, e estes estudos têm conduzido com êxito análises do fenómeno nos seus contornos gerais, bem como dos problemas a ele associados e das suas implicações económicas, dando ao mesmo tempo uma ideia da presença feminina nos fluxos migratórios. Contudo, ao ignorarem as estratégias e os contextos referenciais e ao reduzirem os casos em observação às variáveis que os tornam homogêneos e mecanicamente similares, eles introduzem erros de interpretação que não se revelam de imediato; além disso, constroem elos causais que se pode vir a verificar serem arbitrários, e avançam por meio de generalizações que se poderão vir a mostrar totalmente infundadas. Atente-se, por exemplo, na correlação estabelecida entre emigração e subdesenvolvimento, ou entre emigração e proletarianização, ou ainda nas generalizações sobre o comportamento de certos grupos étnicos, sem que seja feita qualquer distinção entre os problemas específicos de cada sexo.

Ao contrário dos estudos atrás mencionados, estes cingiram a sua área de pesquisa a uma única comunidade (a comunidade de partida ou de chegada), analisando a emigração no seu contexto relacional e ecológico. Para tanto traçaram o quadro das normas e das práticas sociais dentro das quais os indivíduos e as famílias funcionam, desenvolvendo uma análise interaccional e dinâmica. Com isso a atenção foi redireccionada para as componentes subjectivas, para as estratégias individuais e para os grupos familiares, delineando-se ao mesmo tempo os contornos dos mecanismos e das dinâmicas migratórias envolvendo relações de parentesco e estratégias alargadas de sobrevivência e de mobilidade social. É óbvio que o fenómeno emigração é influenciado pelas mudanças ocorridas nas condições exteriores; porém, a investigação tem tornado igualmente claro que os factores objectivos nem sempre funcionam no mesmo sentido e que podem influenciar tanto os indivíduos como os grupos de maneiras diversas. Dizendo de outro modo, deu-se ênfase ao entrelaçamento entre os condicionamentos externos e o papel decisivo desempenhado pelos actores sociais nos processos de mudança.

(b) Estudos de caso

Estes estudos não concebem as migrações de uma forma autónoma e independente. Pelo contrário, examinam o seu desenvolvimento dinâmico através de uma sequência de acontecimentos relacionados entre si. Para tal foram reconstituídas histórias de vida, reconstruíram-se trajectórias e genealogias, destacando-se os factores que influenciam as escolhas (como por exemplo a presença de parentes e amigos) e atendendo-se aos diversos modos como as mesmas «oportunidades» podem ser aproveitadas por indivíduos ou por grupos inteiros. Em vez de reduzir os casos às variáveis, que os tornam homogéneos e mecanicamente similares, as abordagens deste tipo procuraram compreender o significado das excepções e das irregularidades verificadas nas distribuições estatísticas e nos desvios à norma. O objectivo não é tanto produzir resultados passíveis de generalização, mas sim desenvolver modelos interpretativos que permitam a formulação de novas hipóteses. Em resumo, estes estudos vieram alterar a escala da observação, estreitando o campo da investigação a uma única comunidade por forma a introduzir um elemento de complexidade e a verificar até que ponto os modelos interpretativos propostos são passíveis de generalização.

A produtividade analítica dos estudos de caso é amplamente confirmada pelos resultados obtidos. Alguns destes resultados vieram alterar certos aspectos do modelo construído para descrever e interpretar a emigração, mostrando que muitas das hipóteses actuais sobre esta realidade são infundadas, ou pelo menos obrigando-as a reajustar o seu enfoque. Referirei, a propósito, um exemplo retirado da minha investigação sobre a emigração numa comunidade do *Mezzogiorno* italiano (Piselli, 1981). Uma visão largamente divulgada na bibliografia existente sobre o assunto é a de que existe uma relação próxima entre emigração e proletarianização. Assim, ouve-se correntemente defender que a primeira é consequência da alienação dos produtores relativamente aos meios de produção e que ela própria, por seu turno, faz exacerbar essa alienação. A minha investigação — subsequentemente confirmada por estudos levados a efeito noutras espaços² — mostra que esta hipótese não tem a validade geral que normalmente lhe é atribuída. De facto, no que respeita à emigração de longa distância (ou ultramarina), que predomi-

² Entre os estudos sobre a emigração noutras comunidades do *Mezzogiorno* italiano, ver Barazzetti, 1989; Minicuci, 1989; e Scartezini *et al.*, 1994.

nou até à Segunda Guerra Mundial, pode dizer-se que não só a correlação é duvidosa, como também que, se alguma correlação é discernível, ela é de tipo negativo. Com efeito, a emigração ultramarina, devido aos altos custos e aos riscos que acarretava, constituía um empreendimento de grande vulto, pelo que apenas teve a ver com aqueles que se revelavam capazes de suportar tais custos e riscos: os estratos intermédios da população em termos de idade e de condição social — ou seja, aqueles que já haviam atingido a maioria ou que estavam prestes a atingi-la: gente do campo, pequenos agricultores, artesãos, pequenos comerciantes. As estruturas de parentesco ofereciam os meios e os incentivos necessários para se emigrar. Só um agregado ou um grupo familiar suficientemente alargado e coeso estava em condições de mobilizar, quer os recursos materiais necessários para pagar a viagem ao emigrante, quer a ajuda necessária para o/a integrar no local de imigração e para lhe sustentar a família, que por norma ficava a viver no país de origem durante um período de tempo relativamente longo. Pelo contrário, então, foi só a partir do início da década de 1960, altura em que os custos e os riscos envolvidos baixaram consideravelmente, que a emigração — com destino ao Norte da Itália e aos países da Europa Ocidental — passou a incluir estratos mais baixos no que se refere à idade e à posição social, ou seja, os jovens e o proletariado. E foi, portanto, somente neste período que a proletarianização, tanto passada como presente, começou a alimentar de um modo significativo o fenómeno da emigração.

Este exemplo mostra que o que temos perante nós não é unicamente um evidente problema de contextualização; há também que encontrar uma explicação e um sentido. Há indicadores formais que podem ser idênticos mas que ocultam por completo padrões diferentes; os mecanismos que geram e mantêm a emigração mudam ao longo do tempo e na sua relação com todo um conjunto complexo das variáveis económicas, políticas e sociais. E tal mudança não pode ser explicada unicamente em termos de causas externas, sem levar em devida conta o papel activo da adaptação, das respostas e das escolhas dos actores sociais.

Mas qual tem sido o contributo analítico destes estudos para a análise da diferença sexual? É certo que as análises da emigração baseadas na ideia de comunidade vieram restituir um papel importante às mulheres, pondo em evidência a sua participação activa nas estratégias, nas escolhas e nas

políticas dos grupos familiares. Mas é precisamente sobre os grupos familiares e de parentesco que a análise tem recaído, em detrimento das mulheres enquanto sujeitos concretos que fazem as suas escolhas e traçam as suas estratégias. A isto deve ainda acrescentar-se que, não obstante os seus grandes contributos para o conhecimento do fenómeno da migração, os estudos de caso têm também as suas falhas. Antes de mais, porque são passíveis de introduzir distorções que, não sendo visíveis no plano imediato, podem vir a causar erros de interpretação. Por outro lado, por exemplo, o tamanho da comunidade é tomado como um dado adquirido ou estabelecido aprioristicamente, facto que é redutor na medida em que se torna extremamente difícil definir os limites de uma comunidade. Além disso, a complexidade social que os estudos de caso têm o mérito de evidenciar nem sempre é formalizada, ou então é-o apenas parcialmente.

A teoria das redes

Os estudos que recorrem à teoria das redes têm procurado introduzir complexidade e formalizá-la à custa de um realismo crescente. Destacam a riqueza da dinâmica que é inerente à interacção social e procuram formalizar a complexidade transformando a ideia de rede num conceito analítico a que se pode aplicar a teoria matemática dos grafos. Para tal, fazem ancorar as suas análises no indivíduo enquanto centro de uma rede de relações múltiplas, enquanto unidade indispensável de análise de uma sociedade complexa e caracterizada pela heterogeneidade, pelo conflito e pela fluidez. Com base no indivíduo e nas respectivas redes relacionais, reconstroem o tecido das relações sociais e económicas, as trajetórias e os canais da mobilidade social, bem como as dinâmicas de conflito e mudança.

A emigração, por definição, põe os indivíduos em contacto com mundos cultural, social e politicamente diferentes e leva-os a participar na vida e na cultura de grupos diversos, entre os quais são constantemente instados a escolher. O homem ou a mulher migrante move-se entre esferas sociais e territoriais diferentes, numa dimensão que abarca uma pluralidade de linguagens e significados. Tem identidades várias, e age tendo em vista múltiplos propósitos. A rede revela-se uma ferramenta analítica particularmente capaz de agarrar esta realidade fluida e em constante mutação, por forma a investigar as interacções entre, por um lado certos grupos étnicos e sociais, e por outro as relações múltiplas, ambíguas

e contraditórias que as pessoas mantêm com os respectivos contextos de referência. Para uma avaliação mais minuciosa deste tipo de abordagem, procederei de seguida a uma análise dos mais significativos estudos em que o conceito de rede é utilizado na análise dos movimentos migratórios. Refiro-me ao trabalho de Margaret Grieco intitulado *Keeping it in the Family* (1987), e a *The Migration Process*, de Prina Werbner (1990).

No seu livro, Grieco apresenta os resultados de um inquérito levado a cabo ao longo de dez anos em várias regiões e sectores industrializados de Inglaterra caracterizados por processos migratórios intensos, demonstrando que a família e os laços de parentesco constituem o principal factor de recrutamento e organização da força de trabalho das fábricas. Dois desses estudos revestem-se de particular relevância para o tema do presente artigo. O primeiro diz respeito à história de uma família desde que se fixou num bairro de Londres até às suas subsequentes ramificações por diversas regiões industriais de Inglaterra (Kent, Hampshire, Essex). O segundo caso relaciona-se com a emigração de um grupo de trabalhadores escoceses para as siderurgias de Corby, no Northamptonshire. Grieco acompanha as diversas etapas dessa emigração em cadeia através de grupos de familiares, descrevendo-a nas suas mais pequenas ramificações pelo sector da indústria.

Nestes dois estudos Grieco mostra o papel dominante desempenhado pelas relações de parentesco ao nível do mercado de trabalho pouco qualificado. Os laços de parentesco «fortes» constituem o factor principal de acesso ao emprego e de mobilidade dentro dele³. Além disso, o regresso às terras de origem — caso as oportunidades de trabalho diminuam — é igualmente facilitado e regulado pelas redes de parentesco.

Margaret Grieco estuda não só a morfologia das relações de parentesco mas também a natureza e o conteúdo destes laços, salientando a importância de que as obrigações recíprocas se revestem no que respeita ao auxílio prestado pelos parentes na procura de emprego.

A investigação feita por Prina Werbner é ainda mais complexa. Durante muitos anos Werbner levou a efeito um estudo

³ Grieco contesta a hipótese de Granovetter sobre a “força dos laços débeis”, isto é, sobre a importância dos conhecimentos pessoais no acesso ao emprego e na mobilidade de um grupo de profissionais liberais e de gestores da cidade de Boston (Granovetter, 1994).

aturado sobre uma comunidade de imigrantes paquistaneses de Manchester, detendo-se simultaneamente sobre três processos relacionados entre si: a circulação da mão-de-obra migrante, a fixação de residência e a reprodução do grupo étnico. Para além destes, a autora aborda também temas não referidos por Grieco como, por exemplo, a dimensão cultural.

Werbner centra-se nas redes egocentradas e reproduz as várias fases da formação da comunidade paquistanesa de Manchester. Partindo de indivíduos em posições estratégicas, reconstrói as trajectórias, as rotas migratórias, e as dinâmicas de escolha desde o lugar de partida até ao lugar de chegada, e associa-os a determinados grupos definidos em termos de emprego, parentesco e casta. Descreve a morfologia das redes que, através de continuidades e fracturas, foram ganhando forma em Manchester, do local de trabalho aos bairros; e analisa as situações de crise e de conflito que levaram à reconfiguração do mapa das relações sociais.

Em resumo, a análise que propõe desenvolve-se em duas dimensões relacionadas entre si: uma económico-social e outra cultural. Quanto à primeira, Werbner acompanha os dois principais processos que caracterizam a fixação dos paquistaneses na cidade de Manchester: a expansão em direcção a novas áreas e novas actividades, e os diversos padrões de fixação de residência e de mobilidade que a caracterizam. Werbner descreve as estratégias de acumulação de capital dos primeiros emigrantes e reconstrói as «cadeias de negócios» montadas por imigrantes da mesma região de origem que haviam logrado entrar com êxito em certos sectores específicos do comércio. A autora identifica ainda o entrelaçamento dos condicionalismos económicos com as relações sociais: os negócios assentam na confiança e na reputação pessoal, são regulados por normas — culturalmente sancionadas — relativas a obrigações familiares e a laços rituais, e são controlados por apertadas redes de amizades e conhecimentos pessoais. A família, a casta, a amizade e as redes étnicas são essenciais para se compreender a evolução dos negócios, o tempo necessário para alguém se poder estabelecer, a disponibilidade inicial de mão-de-obra e de capital, bem como os padrões de mobilidade e de diferenciação económica.

Quanto à segunda dimensão da análise, Prina Werbner estuda as estratégias por meio das quais o grupo étnico se reproduz e — não obstante estar em constante transformação — consolida e revitaliza a sua cultura. O grupo étnico

reproduz-se através de um sistema culturalmente bem demarcado de ofertas e de serviços prestados em determinados momentos ritualísticos ou cerimoniais. A economia da dádiva define uma comunidade moral de incidência local: ela estabelece relações sociais vinculativas entre membros da comunidade que por sua vez representam agregados domésticos e grupos familiares mais alargados. Os imigrantes ritualizam as suas relações de reciprocidade e, através de presentes e ofertas, estabelecem importantes relações de confiança (fundamentais como meio de regulação e suporte da actividade comercial), que em muitos casos têm origem já em Manchester. Aqui ressalta a centralidade e especificidade do papel das mulheres na economia da dádiva. Em Manchester, e tal como no Paquistão, são de facto as mulheres quem gere essa prática de dar presentes, e são as mulheres quem controla as redes extra-domésticas e quem, através dos presentes, alarga as relações familiares para além da rede dos parentes e amigos pertencentes à mesma aldeia. As mulheres fazem, deste modo, a ponte entre circuitos diferentes e desempenham um papel chave na reprodução social do grupo étnico e na promoção da cultura que lhe é característica.

O fenómeno migração não se limita a suscitar o problema da reformulação e da redefinição dos comportamentos e categorias económicas. Com efeito, os imigrantes vêem-se também na necessidade de «re-situar» num novo contexto todas as suas categorias culturais e simbólicas. O ritual realizado fora do seu contexto «natural» tem de ser reinventado. E de facto, os rituais das ofertas e sacrifícios, assim como os rituais de casamento, exemplificam bem o processo de renovação simbólica e de recontextualização que tem lugar na comunidade paquistanesa local. Os casamentos são acordados em resposta a padrões emergentes de estratificação social ao nível local, e não já — ou não exclusivamente — na base de obrigações impostas pelo parentesco e pela pertença a uma dada casta. Com isto assiste-se ao surgimento de contradições entre a aceitação de novos modelos de comportamento, a aquisição de uma nova escala de valores, e a filiação na ordem antiga, leal à tradição. Tais contradições são geradoras de conflitos e tensões. A análise de numerosos «dramas sociais» feita por Werbner desempenha um papel fundamental na explicação do processo de recontextualização e faz ressaltar as persistências, as adaptações, as infracções e as estratégias de reparação desencadeadas

pelo grupo étnico por forma a reafirmar a solidariedade e a sua identidade cultural.

Os trabalhos de Grieco e Werbner demonstram a importância do contributo teórico-metodológico que a análise por redes pode dar para o estudo dos movimentos migratórios. Na esteira de outros trabalhos importantes (como seja o estudo clássico de Granovetter), aquelas autoras adoptam uma posição crítica relativamente às teorias dominantes (Parsons, sobretudo), para as quais a modernização e a industrialização, aliadas aos processos de mobilidade e ao alastramento de critérios de contratação de índole meritocrática e universalista, terão tornado os laços familiares e pessoais irrelevantes no mercado do trabalho e nos processos de mobilidade geográfica. Grieco e Werbner demonstram que o parentesco e a etnia são factores cruciais na organização da emigração e do emprego, e isso não em contextos «atrasados» mas, precisamente, no cerne das sociedades industrializadas mais avançadas.

Ambas põem em evidência os efeitos que os processos de interacção de pequena escala têm sobre os macro-fenómenos, bem como a inadequação das teorias económicas para explicar a dinâmica do mercado de trabalho e da emigração. Ambas mostram a importância da rede social em que os indivíduos se integram para terem acesso a recursos «externos» como o trabalho e as estratégias de mobilidade geográfica. Assim, elas estabelecem um elo entre os níveis de análise micro e macro, além de que produzem resultados de grande importância para as teorias económicas relativas ao mercado de trabalho e à emigração.

Mas é no âmbito especificamente metodológico que a análise por redes se revela mais proveitosa, pois permite a exploração de áreas e a obtenção de resultados que seriam inacessíveis com os instrumentos actualmente à nossa disposição. De facto, vemos hoje emergir destes estudos uma complexidade de escolhas e de relações que rompe com a ideia de uma unidade de elementos aparentemente monolíticos e que vem corrigir certas noções que já foram pilares centrais de modelos anteriores. Deter-me-ei agora sobre algumas dessas novas escolhas e relações, embora deva salientar que as observações que se seguem foram suscitadas mais pela leitura que fiz dos livros em causa do que pelas conclusões explicitamente retiradas pelas respectivas autoras, de forma que só a mim deverá caber a responsabilidade por qualquer eventual exagero.

1. O conceito de comunidade geográfica de partida encontra-se ultrapassado, tendo sido substituído pelo de área de solidariedade real (não postulada) de onde parte o emigrante. Em vez de ser tomado como certo e sem discussão, o espaço de partida ou chegada é tratado de maneira a averiguar do efectivo enraizamento/desenraizamento dos emigrantes. É a dimensão e a duração das redes de solidariedade que expressam e fortalecem as identidades sociais, as fronteiras e as relações de pertença, e que, por conseguinte, definem e redefinem a dimensão territorial.
2. Os objectos concretos da investigação são os laços pessoais e o papel que desempenham na mobilidade e nas mudanças sociais, mas utilizando uma abordagem que difere da maioria dos estudos sociológicos sobre as redes sociais⁴. Primeiro que tudo, em contraste com a abordagem que tende a aglomerar todos os tipos de vínculos numa categoria única, a análise por redes traça uma distinção entre laços de parentesco e laços de amizade, entre laços fortes e laços débeis, além de que define as características e os conteúdos das relações mais diversas. Em segundo lugar, enquanto os estudos sociológicos sobre as relações pessoais se limitavam a coligir dados respeitantes aos laços individuais dos entrevistados, centrando-se assim exclusivamente em ligações de tipo dual, a abordagem por redes analisa também os laços indirectos e reconstrói as cadeias de conexão intragrupal e a totalidade do sistema relacional em que se integram as relações duais.
3. A análise por redes sublinha a complexidade e o entrelaçamento das esferas formais e informais da economia, a importância das variáveis sociais através das quais se desencadeia o processo económico, e ainda as inter-relações entre unidades de produção, instituições, território e grupos étnicos. Defrontamo-nos, assim, com espaços múltiplos e diversos sistemas de troca: o sistema de dádiva e as relações de mercado; formas unilaterais e bilaterais de dádiva; formas concorrenciais que são definidoras de relações de desigualdade; e formas equilibradas que são definidoras de situações de igualdade, de amizade e de «circuitos de confiança».

⁴ Estes aspectos da análise por redes foram examinados por Michael Eve em dois artigos: "Is Network Analysis Interested in Networks?" e "Is Friendship a Sociological Topic?"

4. No processo da construção identitária explora-se ainda a ocorrência de descontinuidades. Por definição, os emigrantes movimentam-se entre mundos cultural e socialmente diferentes, vivendo situações de risco e incerteza que ameaçam a sua continuidade biográfica, a sua coerência e os seus modelos de referência. No novo contexto proporcionado pelo país de imigração, nenhum dos indicadores que anteriormente lhes definiam o estatuto e a identidade continua a ter sentido. Os emigrantes são, portanto, forçados a modificar profundamente as suas identidades em função desse novo padrão de relações. Têm que rever as suas categorias de pertença e de lealdade, redefinir a sua situação e adaptar-se a um campo simbólico que é novo. Mas também procuram defender e reafirmar os seus valores e preferências e os seus códigos de reconhecimento específicos, assim como encontrar sentido e continuidade na sua vivência social e defender os limites da sua cultura própria e da sua identidade colectiva. Mais do que numa «cultura» — entendida como um conjunto de valores partilhados que influenciam e orientam o comportamento dos indivíduos e que podem ser estudados independentemente destes —, os emigrantes revêem-se em numerosas e diversas culturas que são caracterizadas por uma pluralidade de línguas e significados e atravessadas por canais de comunicação, que se encontram em mutação permanente e que só podem ser entendidas em termos da actividade criativa de pessoas ligadas a identidades várias e que perseguem objectivos múltiplos.

O quadro teórico-metodológico que ressalta mais ou menos explicitamente dos estudos de Grieco e de Werbner acha-se, por tudo isto, muito distante dos paradigmas dominantes do estruturalismo norte-americano, o qual reformulou as descrições do mundo social em termos «relacionais» por forma a descrever a morfologia e a estrutura em termos sincrónicos. As problemáticas abordadas por Grieco e especialmente por Werbner têm muito mais directamente a ver com os métodos e hipóteses da Escola de Manchester⁵. O con-

⁵ Para uma análise crítica dos contributos teórico-metodológicos da Escola de Manchester, ver Arrighi e Passerini, 1976; Hannerz, 1990; Piselli, 1995; e o número especial da *Rivista Italiana di Sociologia*, de Março de 1996.

ceito de rede tal como é aplicado em Manchester é uma ferramenta metodológica que nos permite observar a complexidade e a riqueza dos laços e da dinâmica da interação e os processos pelos quais os espaços e as formas sociais se constroem, partindo de um ponto de vista situacional e diacrónico e de um quadro interpretativo que postula a mudança social enquanto processo de diferenciação e divergência e que salienta a descontinuidade e a diferença na história. A tarefa do investigador consiste, por isso, não em estudar as relações existentes entre as unidades do sistema social e fixá-las segundo modelos estáticos, mas antes em analisar processos, em analisar a dinâmica individual da interação, os movimentos do sistema social e os respectivos mecanismos de mudança. É nisto que o conceito de rede se revela mais fecundo e que cumpre o seu potencial analítico de uma maneira mais completa. E é precisamente nesta promissora direcção que se orientam alguns estudos em curso sobre o fenómeno da migração. Gostaria de referir, no caso da Itália, a investigação realizada por Francesca Decimo sobre grupos de mulheres imigrantes somalis em Nápoles e noutros contextos urbanos⁶. O estudo de Decimo, baseado no modelo de Werbner, opera uma deslocação decisiva do nível das formas para o da dinâmica da interação, insistindo na variabilidade dos padrões e práticas sociais e observando em termos configuracionais os movimentos e as mudanças registadas nas redes.

Em conclusão, direi que, no presente estado dos estudos sobre a realidade da migração que recorrem ao conceito de rede, não é, obviamente, possível apresentar uma explicação minuciosa e cabal do fenómeno. É necessária a realização de mais estudos, tanto a um nível empírico como a um nível mais teórico e abstracto. Mas da explanação atrás desenvolvida resulta evidente que a abordagem por redes se afigura uma metodologia particularmente adequada ao estudo da diferença sexual. Com efeito, ela permite ao investigador delinear a morfologia e o conteúdo (material e simbólico) da esfera relacional feminina, bem como analisar a experiência feminina enquanto centro da rede relacional, das relações entre a esfera privada e as instituições; permite analisar a relação entre a mulher e o grupo de referência primário (a família, os parentes, etc.), bem como os caminhos e as tra-

⁶ Decimo, 1994. Alguns dos resultados deste trabalho foram publicados em Decimo, 1996.

jectórias das mulheres migrantes e a mobilidade feminina no que respeita ao grupo familiar; e torna possível ainda a identificação de valores e de papéis específicos das mulheres nos canais de comunicação e de troca entre domínios sociais diferentes, nas situação de crise e de conflito para onde convergem e onde se condensam todas as formas e níveis, todas as persistências e descontinuidades dos processos de mudança social e cultural. ■

Referências Bibliográficas

- Arrighi, G.; Passerini, L. (org.s) 1976 *La politica della parentela*. Milão: Feltrinelli.
- Barazzetti, D. 1989 *L'ombra del paese*. Reggio Calabria: Cangemi.
- Decimo, Francesca 1994 *Mogadiscio-Napoli. I percorsi migratori delle somale*. Tese de licenciatura, Faculdade de Sociologia, Nápoles.
- Decimo, Francesca 1996 «Reti di solidarietà e strategie economiche di donne somale immigrate a Napoli», *Studi Emigrazione* 123.
- Granovetter, M. 1994 *Getting a Job*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press (2a edição, University of Chicago Press) [1974].
- Grieco, Margaret 1987 *Keeping in the Family*. Londres e Nova Iorque: Tavistock Publications.
- Hannerz, U. 1990 *Esplorare la città: Antropologia della vita urbana*. Bolonha: Il Mulino [1980].
- Minicuci, M. 1989 *Qui e altrove*. Milão: Franco Angeli.
- Piselli, Fortunata (org.) 1995 *Reti. L'analisi di network nelle scienze sociali*. Roma: Donzelli.
- Piselli, Fortunata 1981 *Parentela ed emigrazione*. Turim: Einaudi.
- Reyneri, E. 1996 *Sociologia del mercato del lavoro*. Bolonha: Il Mulino.
- Rivista Italiana di Sociologia* 1996 *Rivista Italiana di Sociologia* 37: 1 (número especial, Março).
- Scartezzini, R.; Guidi, R.; Zaccaria, A. M. 1994 *Tra due mondi*. Milão: Franco Angeli.
- Werbner, Prina 1990 *The Migration Process*. Nova Iorque, Oxford e Munique: Berg.